

RESSIGNIFICAÇÕES DO LUTO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: UMA ANÁLISE À LUZ DA TEORIA BAKHTINIANA

Fernanda Carolina Lopes Proença¹
Luan Francisco Varnier²
Andréia da Silva Daltoé³

Resumo: A pandemia da Covid-19 trouxe consigo uma série de interferências no cotidiano de todos e em diferentes aspectos. Medidas de segurança foram tomadas a fim de evitar o contágio e a disseminação do vírus que se espalhava com muita rapidez e, mesmo com um índice de mortalidade baixo, a sua acelerada propagação causou um expressivo número de mortes, batendo as mais de mil mortes diárias em países como o Brasil e Estados Unidos no ápice da pandemia. Nós, como estudantes de uma língua em (dis)curso, pensamos este artigo através da seguinte problemática: Quais as implicações dos protocolos de segurança impostos pela pandemia do novo coronavírus para os modos de viver o luto das famílias que perderam alguém neste contexto? Analisaremos, a partir dos pressupostos teóricos da Análise Dialógica de Discurso, o testemunho sobre o luto de famílias que perderam familiares para a pandemia da Covid-19 durante o ano de 2020 e entrevistadas em outubro de 2022 na região de Sul de Santa Catarina, a fim de compreender como atribuem sentidos a esta tragédia pessoal e social-coletiva. A hipótese é de que o elevado quadro de mortalidade e as medidas de segurança impostas levaram a uma nova forma de viver e ressignificar o luto. As metodologias utilizadas foram: A pesquisa bibliográfica, valendo-se de livros, revistas, periódicos, artigo científico e trabalhos acadêmicos investigados nas bases de dados Google Scholar, CAPES e Scientific Electronic Library Online (SciELO) e uma pesquisa de campo exploratório por meio de entrevista com pessoas que perderam algum familiar durante este período de pandemia. Conclui-se que os protocolos como o isolamento social e a redução de pessoas e do tempo em velórios afloraram sentimentos que mostram conflitos entre os entrevistados.

Palavras-chave: Covid-19. Luto. Ressignificações.

INTRODUÇÃO

*O que acontece com a história que dá voz aos mortos,
quando ela consente em lhes dar a palavra?*
(Robin, 2016, p. 291)

No final de dezembro de 2019, diversos casos de síndrome respiratória foram notificados na China. O novo coronavírus (SARS-CoV-2) colocou o planeta em uma séria crise sanitária, econômica e humanitária. A pandemia da Covid-19 trouxe perdas significativas, como a restrição de sair de casa, a impossibilidade de abraçar as pessoas, a perda de empregos e, especialmente, de familiares e amigos.

¹ Autora. Acadêmica do curso de Letras. E-mail: fernanda.clproenca@gmail.com

² Autor. Acadêmico do curso de Letras. E-mail: luan772@gmail.com

³ Orientadora. Professora do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Linguagem – PPGCL – Unisul, Campus de Tubarão/SC. E-mail: andreia.daltoe@animaeducacao.com.br

A fim de evitar o contágio e a disseminação do vírus, algumas medidas foram tomadas. Todas as relações interpessoais foram afetadas nesse período. Além de terem o direito de ir e vir restringido, pois apenas os serviços essenciais se mantiveram em funcionamento durante as primeiras semanas, as pessoas passaram a conviver também com o medo da morte, que parecia mais próxima, e o medo do desemprego, bem como a encarar a solidão e a saudade dos hábitos do dia a dia.

Dessa forma, de acordo com Mergulhão (2020), a pandemia da Covid-19 trouxe para o mundo grandes consequências, principalmente na relação interpessoal com os infectados, assim como outros modos de realizarem rituais de despedida. A elevada quantidade de mortos, juntamente com a não ocorrência dos enterros tradicionais, trouxeram novas formas de se vivenciar o luto?

A pandemia inseriu no cenário mundial um choque de realidade, tanto em relação aos riscos de contaminação pelo SARS-CoV-2 quanto no que se refere ao meio de contágio que impedia o convívio social, paralisando a vida das pessoas em todas as esferas, na tentativa de minimizar a transmissão do vírus.

Conforme Mergulhão (2020), a pandemia causou profundas alterações e adequações nos rituais fúnebres, com isso, o luto das famílias que perderam familiares para a pandemia da Covid-19 também foi vivido de uma maneira diferente, gerando uma série de reflexos emocionais não habituais em relação aos velórios no período pré-pandêmico. Mas, quais são essas formas? Existem formas não-tradicionais de viver o luto? Nós, como estudantes de uma língua em curso, julgamos importante não só pesquisar mais acerca da temática, pouco explorada em nossa área, mas também ouvir o que “os que ficam” têm a dizer.

O luto é caracterizado como uma perda de um elo significativo entre uma pessoa e seu objeto, portanto se trata de um fenômeno mental natural e constante no processo de desenvolvimento humano. Para Dantas *et al.* (2020), embora seja algo universal, o luto pode ser expressado de forma particular na vida dos indivíduos. Ele pode se manifestar a partir de alguns elementos, como a relação da pessoa enlutada com aquela que morreu, a história de vida de cada pessoa, o contexto do falecimento e a rede de apoio.

Segundo Mergulhão (2020), abordar a questão da morte é bastante complicado porque há muitos sentimentos envolvidos, além dos ritos, crenças, tradições, tratamento com o corpo, com o enterro. Para o autor, “quando ocorre uma tragédia ou uma pandemia, como a da Covid-19, em que há um grande número de mortos, é de se esperar um maior desconforto ao evocar sentimentos e lembranças dolorosas” (MERGULHÃO, 2020, p. 13).

Com a pandemia do SARS-CoV-2, o processo de luto perpassa situações que podem acentuar os sofrimentos e agravar a saúde mental, individual e coletiva. Diante disso, o presente artigo apresenta como problemática: quais as implicações no modo de viver o luto a partir dos protocolos de segurança impostos pela pandemia do novo coronavírus para as famílias que perderam alguém neste contexto?

Portanto, o trabalho tem como objetivo geral analisar, a partir dos pressupostos teóricos da Análise Dialógica do Discurso, baseada nos preceitos de M. Bakhtin e seu círculo, principalmente dentro do conceito principal de dialogismo, amparado em seus conceitos “secundários”, como o de discurso direto, discurso indireto e enunciado, quais as implicações dos protocolos de segurança impostos pela pandemia do novo coronavírus para os modos de viver o luto das famílias que perderam alguém neste contexto?

O testemunho sobre o luto de famílias que perderam familiares para a pandemia da Covid-19 durante o ano de 2020 foi tomado em outubro de 2022 na região de sul de Santa Catarina, a fim de compreender como atribuem eles atribuem sentidos a este evento pessoal e coletivo, não sendo único devido as proporções que a pandemia tomou no mundo, seus altos índices de contaminação, o isolamento social das pessoas, o distanciamento social, o aumento da taxa de mortalidade nos países mais afetados pelo coronavírus, entre outros.

Procurando dar conta dessas indagações, este trabalho está dividido em três seções: a primeira traz um apanhado sócio-histórico das condições impostas pela pandemia da Covid-19 no país e como ela atingiu Santa Catarina; na segunda parte, apresentam-se as questões dos rituais fúnebres na cultura brasileira e a mudança da perspectiva do luto a partir dos protocolos de segurança impostos pelo período pandêmico; e, por fim, a última seção traz a análise dos testemunhos dos familiares de vítimas da Covid-19.

1. A PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL E EM SANTA CATARINA

O surto causado pelo novo coronavírus espalhou-se rapidamente pelo mundo, com a doença sendo categorizada como pandemia em 11 de março de 2020, causando espanto pela taxa de contaminação acelerada e, posteriormente, com o alto número de óbitos. Com a chegada de um vírus que até então pouco se sabia a respeito, a primeira medida tomada, como forma de evitar a propagação do vírus, foi o isolamento social.

Além de terem o direito de ir e vir limitado, pois apenas os serviços essenciais foram autorizados a manter seu funcionamento durante as primeiras semanas, as pessoas passaram a conviver também com inúmeras incertezas emocionais e financeiras, pois havia uma

insegurança em relação ao trabalho e a manutenção do emprego durante os primeiros momentos da pandemia, bem como o fechamento de alguns estabelecimentos que duraram até meses, como o setor de shows e eventos.

De acordo com o portal criado pelo governo nacional para monitorar a quantidade de casos positivados para a Covid-19, de março de 2020 até final de novembro de 2022 um total de 35.227.59 pessoas já haviam sido infectadas pelo vírus. Destas, 34.275.867 se recuperaram, e 689.655 não resistiram à doença.

No Brasil, a pandemia da Covid-19 exigiu expressivas alterações nos protocolos, tanto nos de internação quanto nos ritos de despedida, como forma de diminuir a disseminação do vírus. Moore, Tulloch e Ripol (2020) afirmam que algumas instituições hospitalares restringiram a presença de visitas em suas dependências, e, em sua maioria, as pessoas infectadas não podiam receber visitantes, fazendo com que os canais digitais se tornassem uma das principais alternativas para o contato entre os familiares e amigos.

Em Santa Catarina, 22.469 vidas foram ceifadas, e 1.915.180 casos foram confirmados até o momento da elaboração deste artigo. Em Tubarão, cidade localizada no sul de Santa Catarina, o decreto emitido pela prefeitura, que seguia recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS), determinava que os velórios realizados no auge da pandemia deveriam ocorrer na data da morte, ter duração curta e, em casos de pessoas com suspeita ou confirmação de Covid-19, ter a presença limitada a 10 pessoas; durante todo o período deveria ser mantido o distanciamento de 1,5m, sempre fazendo o uso da máscara e do álcool em gel; os sepultamentos deveriam ocorrer somente entre as 06h e as 17h30 horas; e as capelas mortuárias deveriam permanecer fechadas da 00h às 06h30, salvo para recepção e preparo do corpo.

2 MUDANÇA NOS MODOS DE VIVER O LUTO A PARTIR DOS PROTOCOLOS DE SEGURANÇA DA PANDEMIA DE COVID-19

Ao pensar na morte dentro do contexto cultural, devemos considerar que, durante a história, seu conceito foi várias vezes modificado e atualizado (por meio de novos costumes, novas religiões, novas filosofias de vida), e suas celebrações e/ou seus ritos e/ou seus rituais vão sendo ressignificados no decorrer de toda a jornada humana, portanto. Diante disso, considera-se fundamental conceituar os termos “ritos” e “rituais”, que aqui serão abordados como manifestações do luto.

Segundo Rivière, o(s) rito(s):

[...] devem ser sempre considerados como conjunto de condutas individuais ou coletivas, relativamente codificadas, com um suporte corporal (verbal, gestual, ou de postura), com caráter mais ou menos repetitivo e forte carga simbólica para seus atores e, habitualmente, para suas testemunhas, baseadas em uma adesão mental, eventualmente não conscientizada, a valores relativos a escolhas sociais julgadas importantes e cuja eficácia esperada não depende de uma lógica puramente empírica que se esgotaria na instrumentalidade técnica do elo causa-efeito (1997, p. 30 *apud* SOUZA; SOUZA, 2019, p. 2).

Enquanto isso, ritual é definido por Bayard (1996, p. 7 *apud* SOUZA; SOUZA; 2019, p. 2) da seguinte forma: “Todas as vezes que a significação de um ato reside mais em seu valor simbólico do que em sua finalidade mecânica, já estamos no caminho do procedimento ritual”. Ou seja, todo ato que é carregado por simbolismos que se prolongam além dele e podem se tornar recorrentes está no caminho de se tornar um ritual (SOUZA; SOUZA, 2019, p. 2-3).

Rituais são compostos e refletidos pelos ritos. Ritos são ações praticadas por aqueles que continuam vivos, que buscam dar sentido a determinados atos e/ou ações e ressignificar momentos, nesse caso, o luto. Os ritos fúnebres, que antes contavam com velórios que chegavam a passar de 10 horas, transmite uma impressão de que é possível demonstrar afeto e solidariedade por meio de abraços e proximidades, deram lugar a ritos, de certa maneira, pequenos, curtos e com dificuldades de materialização momentânea dos sentimentos referentes ao luto.

A pandemia surgiu de maneira surpreendente, passando por cima da organização, materialidade e simbolismo dos ritos, sejam eles: sepultamento, funeral ou cremação. No âmbito da cultura brasileira, com sua extensa diversidade cultural e religiosa, encontramos ritos de despedida de distintas formas para homenagear o familiar ou amigo, com a finalidade de oferecer suporte aos enlutados.

E justamente esses rituais e crenças que foram, e muito, suspensos para as famílias que perderam seus membros durante a pandemia. Na pesquisa realizada por Dantas *et al.* (2020), os autores relatam que, no período pandêmico, as famílias enlutadas em geral apontavam com pesar não terem podido realizar os rituais e cerimônias que eram comuns em sua convivência social, o que provocou um sentimento de irrealidade, gerado pela não permissão para ver ou tocar o corpo após a morte.

As intensas mudanças oriundas da pandemia da Covid-19 têm, consideravelmente, alterando as formas de ser e estar no planeta. Desde que o período pandêmico começou, vivencia-se o mundo de uma maneira diferenciada, enquanto ele também se mostra transformado para a sociedade. Para Reale (2021), essas mudanças expressam perdas

importantes, que requerem adequações existenciais à medida que causam impactos intensos nos processos de luto.

Oliveira, Bisconcini e Gutierrez (2020) explicam que, embora o Brasil e o mundo já tenham passado por experiências de luto com epidemias, como a varíola e a gripe aviária (H1N1), assim como por desastres ambientais como o de Mariana e Brumadinho, a pandemia causada pelo novo coronavírus foi, de fato, diferente, por ser uma ameaça em nível mundial e às exigências sanitárias, com a prática da quarentena, ou *lockdown*, responsável pelo isolamento de muitos indivíduos. Segundo os autores (2020), os períodos de isolamento, por si só, já impactaram diretamente as relações humanas, com consequências psicológicas e sintomas como medo, raiva, ansiedade, frustração, preocupação com os problemas financeiros, confusão diante do grande volume de informações falsas e/ou contraditórias, entre outros.

Como já citado, algumas estratégias foram adotadas em prol do reconhecimento da necessidade dos rituais fúnebres, para amenizar a dor e, por vezes, o sentimento de culpa dos familiares diante da morte de um familiar por uma doença contagiosa que pode ser sido transmitida dentro de casa. Giamattey *et al.* (2022) aludem a iniciativa de rituais fúnebres online — descritas pela cartilha da Fundação Oswaldo Cruz — a uma maneira remota de despedida diante da impossibilidade de proximidade da família. Essa estratégia teve como propósito preencher a lacuna da despedida e homenagem aos mortos, além de gerar a sensação de comunhão com os vivos. Nesse cenário, foi possível reconhecer a importância que esses ritos representam para, como citado anteriormente, amenizar a tristeza da perda e colaborar para a ressignificação do luto.

O luto é a resposta à ruptura de um vínculo afetivo significativo, em que a dimensão do luto, junto de seu significado, é proporcional ao vínculo existente entre o enlutado e a pessoa que partiu. Entendemos o luto como uma vivência subjetiva e singular, experienciado de maneira única e diferente individualmente. Tal processo constitui-se como uma experiência dotada de significado, multideterminada e cultural. O processo do luto seria como ocupar um mundo desertificado por essa ausência. Aos poucos, vamos recompondo esse espaço, transformando-nos naquilo que se perdeu, que passa a viver em nós. Porém, em meio a tantas perdas, a organização de um espaço emocional para lembrar das pessoas falecidas e internalizar suas ausências acaba sendo comprometido, ao mesmo tempo que este ponto é trazido como importante para aqueles que viveram poderem dar continuidade à suas vidas (GIAMATTEY *et al.*, 2020, p. 07).

É fundamental destacar que, com as medidas de segurança adotadas, houve um grande impacto nos rituais que colaboram para viver de maneira sadia o luto. O distanciamento restringiu os velórios e rituais de despedida porque a aglomeração precisava ser evitada; os caixões precisavam ficar fechados ao longo de toda cerimônia para impedir contato com o corpo

da pessoa morta. Segundo Crubézy e Telmon (2020), para que a aceitação da morte ocorra, é preciso também que os rituais de despedida coletivos aconteçam, uma vez que ajudam no amparo e conforto aos que ficaram e facilitam na elaboração do luto.

Com todas essas mudanças, a sociedade civil também foi se organizando no sentido de ajudar as vítimas, como as tentativas de dar voz as pessoas que perderam seus familiares, cujas vítimas acabavam se resumindo a números. Um exemplo disso são os projetos virtuais, que surgiram com a ideia de nomear e ressignificar a história por trás de tantas estatísticas que cresciam em progressões geométricas dia após dia, como é o caso do projeto “Inumeráveis”, idealizado pelo artista Edson Pavoni, segundo o qual “Não há quem goste de ser número, gente merece existir em prosa”. O memorial foi ao ar na Plataforma do Instagram em 2020 e, desde então, reúne virtualmente testemunhos daqueles que tiveram suas histórias silenciadas desde o início da pandemia, como podemos observar no *print* abaixo:

Figura 1 – Print da página do Instagram “inumeraveismemorial”



Fonte: *Print* da página no Instagram “inumeraveismemorial”, 2022.

Como vemos, o perfil no Instagram acabou sendo também um espaço criado para dar conta da elaboração do luto em tempos tão difíceis de impedimento do contato físico, ao mesmo tempo, tentava dar conta de valorizar a voz destas pessoas que iam sendo substituídas por números que, à medida que iam aumentando, iam, infelizmente, se naturalizando no dia a dia dos brasileiros.

Foi nesse sentido que nossa pesquisa também tentou ouvir as famílias que perderam um ente nessas condições, a partir das entrevistas realizadas, trazidas a seguir com o intuito de compreender os sentimentos dessas pessoas no luto antecipatório⁴, enquanto a pessoa estava doente, durante o luto e no rito fúnebre.

Após acompanhar a angústia que tantas pessoas passaram por conta da pandemia, o presente trabalho busca entender como quem perdeu algum familiar neste período significou o luto nas condições de que trata nossa pesquisa.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado por meio de pesquisas em livros e na base de dados Google Acadêmico, CAPES e Scientific Electronic Library Online (SciELO) a partir dos descritores: COVID-19; Luto; Rituais. A coleta de dados se deu período de novembro a dezembro de 2022.

Foi realizada ainda uma entrevista com cada uma das pessoas que aceitaram relatar que haviam perdido algum familiar para o novo coronavírus, totalizando 4 pessoas, todas do sexo feminino, para analisar o testemunho de quatro pessoas que tiveram a perda de um familiar pela Covid-19.

Entrou-se em contato com essas pessoas através de amigos. As quatro mulheres possuíam idade entre 20 e 50 anos e perderam seus familiares no decorrer do ano de 2020, compreendendo o tempo que vai dos primeiros casos da pandemia de Covid-19, em março do referido ano, até os dias com maiores índices de alta de casos e mortes, que tiveram um ápice em novembro de 2020. Cada uma das entrevistas foi feita através de um formulário que foi encaminhado via whatsapp para cada entrevistada, e todas responderam através de áudios que foram transcritos. As perguntas realizadas foram:

1. Com a chegada do Coronavírus, como vocês reagiram?

⁴ O conceito será elaborado mais a frente, ao se relatar o luto antecipado, na seção 3.1 “Luto Coletivo”.

2. Quando os primeiros sintomas começaram a aparecer?
3. Após a internação, houve algum meio de contato?
4. Qual foi o tempo da internação até a morte?
5. Como foi a cerimônia de despedida? Quais protocolos foram adotados no momento?
6. Qual o sentimento que fica?

Os contatos com essas pessoas foi nos repassado através de terceiros, como colegas de classe, que relataram terem perdido algum familiar ou que conheciam alguém que havia perdido um parente para a Covid-19. As entrevistadas moram na região Sul de Santa Carina (Tubarão, Urussanga e Itaíba), e as perguntas foram feitas a elas foram realizadas em outubro de 2022.

Para conseguir dar resposta as perguntas acima mencionadas, estamos compreendendo que “o testemunho é da ordem do memoriável. Dar um testemunho aponta para um falar urgente, para o não esquecer e para um não deixar os outros esquecerem” (MARIANI, 2016, p. 50-51). A proposta era ouvir os familiares e, desse modo, entender um pouco mais a complexidade dos sentimentos que essas perdas durante o período de pandemia trouxeram, tanto individualmente quanto coletivamente.

Considerando que a pesquisa busca olhar para os testemunhos como pistas do funcionamento dos sentidos do luto neste contexto, a Análise do Discurso (AD) de linha Dialógica pode auxiliar na compreensão desses sentidos, considerando que, conforme Brait, ao se referir à teoria e aos conceitos bakhtinianos (2018, p. 9-10), por mais que Bakhtin e seu círculo nunca tenham criado uma expressão para nomear essa escola de pensamento, aos moldes que é nomeada a Análise do Discurso Francesa, por exemplo, é nos processos comunicativos de sujeitos historicamente situados que os discursos tomam forma e formam os signos com os quais convivemos, como a cultura, a religião, a ciência, entre outros. Lembrando, como nos traz Orlandi, que:

A Análise do Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra *discurso*, etimologicamente, *tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento*. O *discurso* é assim *palavra em movimento*, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (2005, p. 15).

Desse modo, a AD é uma área de pesquisas que não possui um método pronto ou totalmente estável. As pesquisas nessa vertente de investigação têm sempre uma natureza qualitativo-interpretivista, que analisa o objeto de pesquisa procurando compreender o modo como esse objeto tem significação para o(s) sujeito(s), como isso reflete no contexto sociocultural ao qual estamos inseridos, pois essa metodologia de análise/pesquisa não tem

apenas no objeto seu único referencial, mas também como esse objeto é acolhido ou excluído pelo seu entorno e, também, como esse objeto pode acabar atingindo outros objetos.

3 UM GESTO DE ANÁLISE

Não foram poucas as manifestações contrárias “à vida” no decorrer da pandemia. Vimos, inclusive, líderes políticos nacionais fazendo chacota de pessoas com Covid-19 que não conseguiam respirar. Para essas pessoas, não só as mortes podem ser consideradas estatísticas, como foi possível observar em comentários de redes sociais em que eram colocados em xeque os dados divulgados sobre a pandemia no Brasil, afirmando que eram dados “manipulados” e “maquiados”.

Volóchinov (2018, p. 152-158, 350-355) traz que o discurso nunca tem um viés único, ele é um produto de quem o cria, de seus signos, das pessoas em volta de quem o criou, de seu tempo, de seu espaço e de suas condições, sejam elas sociais, econômicas, instrucionais, culturais ou religiosas. Ele exemplifica ao discorrer sobre os sistemas ideológicos:

Os sistemas ideológicos formados – a moral social, a ciência, a arte e a religião – cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano e, por sua vez, exercem sobre ela uma forte influência inversa e costumam dar-lhe o tom. Todavia, ao mesmo tempo, esses produtos ideológicos formados preservam constantemente a mais viva ligação orgânica com a ideologia do cotidiano, nutrem-se da sua seiva e fora dela estão mortos, [...], uma obra ideológica existe apenas para essa percepção que se realiza na linguagem da ideologia do cotidiano (VOLÓCHINOV, 2018, p. 213).

Portanto, ao mesmo tempo que ele é um produto de quem o cria, ele será um produto que será consumido por uma outra pessoa, que também possui outro viés em relação à comunicação, de entendimento de mundo ou de entendimento daquele discurso. E essa segunda pessoa ainda pode repassar esse discurso de uma terceira forma, chamada discurso indireto, colocando as suas percepções dentro desse discurso e fazendo dele um produto ressignificado em um novo tempo, um novo espaço e em novas condições. A seguir, trazemos recortes (Sequências Discursivas – SDs) das entrevistas realizadas com pessoas que perderam algum familiar para a Covid-19, buscando investigar o modo como significaram o luto nessas condições adversas e contingentes:

Começamos com o testemunho da entrevista número 1, que será identificada aqui como SD1 sobre como foi sua reação com a chegada da Covid em sua residência:

Então... quanto as primeiras providencias que a gente tomou, em familia, com a chegada do coronavirus... na época eu já não estava trabalhando. Meu

irmão tem 11 anos e começou ter aula online, né, aí meu pai trabalhava no estacionamento, continuou trabalhando por necessidade mesmo, porque não ia ter como parar assim por questão de sustento mesmo, assim... e minha mãe trabalhava num supermercado e como era serviço essencial ela também não parou. O que a gente podia fazer era o que estava ao nosso alcance, né... que seriam os cuidados que eram recomendados na época... uso de máscara, álcool em gel, e aí dentro de casa a gente ficava sem contato. (Entrevistada 1 – Sequência Discursiva 1 [SD 1])

Enquanto isso, sobre os sentimentos da entrevistada dois, lê-se:

Com a chegada do coronavírus, como nós reagimos no início quando a gente ouviu né, primeiramente falar na TV assim, logo o “Fulano”⁵ foi o primeiro a se manifestar e dizer que não acreditava. “A isso tudo eles inventam, nossa quanta invenção, não sei o que...”. Ele sempre foi meio assim de não acreditar muito nas coisas, sabe? Mas eu não também não dei muita importância (...) Porquê como a gente sempre assistia muita TV, ah sempre aquele sensacionalismo e pensando sempre que não chegaria aqui, Urussanga fim do mundo, imagina né? E que lá São Paulo é cidade grande, mas aqui seria difícil chegar. (Entrevistada 2 – Sequência Discursiva 2 [SD 2])

Nas SDs destacadas acima, percebe-se duas movimentações muito presentes nesse período de pandemia: de um lado, a necessidade de trabalhar de algumas famílias, como ocorreu com pessoas que não puderam ficar em casa, principalmente porque a maioria se encontrava em trabalhos considerados essenciais; e, na segunda SD, percebe-se o negacionismo perante a doença.

A necessidade de trabalhar era inerente a muitas famílias, devido as altas dívidas e ao aumento constante de produtos de básicos para consumo das famílias⁶. Com medos e receios de não conseguir pagar essas dívidas ou manter o sustento familiar, muitas pessoas se expuseram perante a Covid-19 desde o início da pandemia, algumas nem sendo de serviços considerados essenciais.

⁵ Quando houver um nome mencionado pelas entrevistadas, colocaremos, entre aspas, a designação Fulano.

⁶ Infelizmente, não foi encontrado a taxa específica de inadimplências dessas famílias, porém, deixamos duas reportagens de 2022 que trazem um pouco da histórias dos últimos dois anos: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/economia/audio/2022-03/quase-78-da-populacao-esta-endividada-no-brasil> e a outra <https://www.cnnbrasil.com.br/business/endividamento-das-familias-chega-775-maior-valor-em-12-anos-aponta-cnc/>. Ambas com aceso em 18 de dezembro de 2022.

Enquanto isso, o negacionismo foi atrelado à ideia de que um vírus tão letal como esse seria uma invenção da mídia, algo para causar pânico, ou uma coisa que aconteceria na cidade grande, não sendo capaz de atingir cidades pequenas e distantes de grandes centros urbanos, como apontado pela Entrevistada 2. Efeito de sentido este que contou também com o desserviço do atual presidente da República, que, por diversas vezes, em suas falas, dizia ser a Pandemia “só uma gripezinha”⁷.

São várias as mudanças, como estamos vendo na elaboração do luto diante da Pandemia, mas, com a leitura que fizemos das entrevistas, foi possível organizar nosso recorte em duas questões principais, que serão tratadas na sessão a seguir: a questão do tempo e o modo como o luto rompe com uma ideia temporal pós-morte; e a questão do luto não só como uma dor individual, mas também coletiva. Passa-se a estas duas discussões.

3.1 TEMPORALIDADE DO LUTO

Muitas vezes, o luto implica um outro tempo, pois já começou antes, como explica Giamatthey *et al.* (2020), que relatam que o luto antecipatório é uma resposta que acontece com uma pessoa ou familiar frente a um diagnóstico de doença terminal e geralmente beneficia a preparação emocional. A pandemia colaborou com situações cada dia mais complicadas e com um elevado potencial para a caracterização de um luto antecipado maior.

As experiências abaixo mostram um luto antecipado como um agravante que viria a ser vivenciado neste período pandêmico.

Nisso eu estava conversando com ele normal, aí 22h30 da noite ele foi entubado, depois dali nunca mais falei com ele. Aí foi tenso, eu sozinha, hospital todo fechado (...) então foi nesse dia 11, que me ligaram, fizeram a hemodiálise e não obtiveram sucesso, que eles quase tinham perdido ele, então foi ali que percebi que não tinha mais chances, não veria ele nunca mais. (Entrevistada 2 – Sequência Discursiva 2 [SD 2])

E aí na madrugada do dia 29 de abril, do ano passado, depois de uma piora do quadro clínico, uma infecção, recebemos a ligação do hospital pedindo para que meu irmão fosse pra lá. Sabíamos que não seria coisa boa, eles não

⁷ É possível ler mais declarações com o mesmo cunho no link: <https://www.folhape.com.br/politica/gripezinha-e-pais-de-maricas-confira-as-frases-de-bolsonaro-sobre/187784/>. Acesso em; 06 dez. 2022.

*costumam ligar de madrugada pra falar que a pessoa piorou ou melhorou.
(Entrevistada 3 – Sequência Discursiva 3 [SD 3])*

*Ela foi internada no dia 12 de abril de 2021 e assim, ela ficou uns dias em casa... antes de ser internada e hoje eu, hoje eu penso que ela estava meio que se preparando mentalmente pra precisar ficar no hospital, porque a gente já sabia que o pulmão dela estava 50% comprometido e ela sentia muita dor, ela tossia muito, tinha muita falta de ar, então... ela foi internada.
(Entrevistada 1 – Sequência Discursiva 1 [SD 1])*

Para Bakhtin (*apud* LOPES; MORAES; GONÇALVES, 2018), o tempo e a temporalidade estão inseridos no conceito que ele intitulou de cronotopo (cronotopia, o estudo), a partir do qual o autor aborda os conceitos, estudos e métodos de análise do tempo dentro da obra artístico-cultural-literária, podendo ser trazida uma perspectiva analítica para a empreitada que este trabalho pretende explicitar.

O cronotopo, juntamente com o conceito de exotopia (para Bakhtin, o espaço), conforme explica Amorim (2018), é a situação espaço-temporal em que o autor (do discurso) se encontra quando ele dá personalidade ao seu próprio discurso, mas, também, conforme aponta Sobral (2018), o cronotopo se encontra a partir da experiência tanto do autor (criador do discurso) quanto do receptor (ouvinte/leitor do discurso). Para Sobral (2018), o momento em que o discurso é criado possui seu próprio conceito espaço-temporal, enquanto o do receptor também é um novo conceito, pois, como já explicado, para Volóchinov (2018) o discurso é um produto de seu contexto e, sempre que novamente trabalhado, adquire um novo contexto e, por vezes, se torna um novo produto.

Como toda a teoria em torno da análise bakhtiniana, tudo é um processo dialógico (DEZAN, 2020). Observa-se a ordem das sequências discursivas até aqui descritas, em que cada uma possui a sua própria voz como um enunciado, um discurso direto. Vemos um confronto com o espaço-tempo em que essas pessoas estão inseridas. A desconfiança sobre a doença ou a dificuldade de conseguir tomar cuidados mais rígidos, também podendo observar nas sequências discursivas aqui já postas, que trazem as dificuldades estas pessoas realmente tiveram ao encarar a doença dentro do contexto familiar. Tempos diferentes, temporalidades diferentes, discursos diferentes.

Todo esse processo é responsável pela criação, recepção e adaptação de novos e velhos discursos. Com o aumento da imunização da população através da vacinação, é dado início a

uma nova temporalidade de discursos, a das pessoas que sobrevivem⁸. Esses novos discursos trazem à tona o confronto para as pessoas que perderam seus familiares durante o período mais delicado da pandemia.

As entrevistas, coletadas em outubro de 2022, refletem os sentimentos de quem perdeu alguém no momento mais drástico da pandemia em um momento em que a taxa de mortalidade e as internações caíram. Essas sequências discursivas, portanto, se encontram em várias temporalidades: o passado distante, antes do início da pandemia; o passado recente, durante o período pandêmico até a internação dos entes; o momento do luto, podendo ser tanto o passado recente quanto o próprio presente, afinal não se pode afirmar um tempo concreto para a superação do luto; e a perspectiva do futuro, relacionada às dificuldades financeiras que dali poderiam surgir sem a ajuda de mais uma pessoa para o orçamento família.

Há como, dentro desses parâmetros, atribuir uma única temporalidade aos sentimentos e ao luto? Entende-se que não, dada a multiplicidade de significados que o luto pode ter para cada pessoa.

3.2 LUTO COLETIVO

Considere-se, aqui, o conceito e o sentido de luto coletivo trabalhados dentro da psicanálise. Segundo Mota e Ginach (2021), a perda de um objeto/algo/alguém, que irá dar significado para o luto, precisa ser testemunhada para que então essa perda possa ser elaborada e historicizada.

E quanto ao luto coletivo, Dunker (2020 *apud* MOTA; GINACH, 2021, p. 3) remete que ele sempre terá início em uma tragédia, podendo ser ela de vasta dimensão ou não. Para ele, o luto coletivo pode ser encarado ao se perder uma pessoa símbolo de algo, como um artista de relevância, um político, um professor, que foram influentes nas vidas de várias pessoas ao mesmo tempo, e também por traumas coletivos. Esse é o caso das mortes causadas pela pandemia da Covid-19, assim como são os traumas de uma guerra, entre outros eventos históricos que envolvem a morte de uma parcela da população local ou mesmo de outro país, como o luto coletivo e os traumas gerados pelos milhões de judeus alemães no Holocausto.

Abaixo, partes das entrevistas em que podemos perceber uma citação, direta ou indireta, relacionada ao luto coletivo:

⁸ Para ver mais sobre a queda na taxa de mortalidade relacionada à Covid-19, acesse: <https://saude.rs.gov.br/estudo-aponta-reducao-de-87-no-risco-de-obitos-por-covid-19-em-pessoas-com-vacinacao-completa>. Acesso em: 05 dez. 2022.

Eram 8 homens que estavam lá, e todos que estavam morreram. Foram cobaias né, parece uma chacina, foram matando um a um, ninguém sabia como fazia. Tentaram várias vezes colocar ele de bruços né, recorreram a várias coisas para tentar um resultado melhor, mas não conseguiram, não obtiveram nada de melhor. (Entrevistada 2 – Sequência Discursiva 2 [SD 2])

Eu penso que a dor do luto nunca vai embora, a gente passa a se acostumar com ela e é preciso muita força pra se reestabelecer mentalmente, principalmente, nessas condições onde o luto no país era e ainda é generalizado. A gente sentiu falta de uma boa gestão pandêmica vindo de órgãos responsáveis do nosso país... eu sempre penso quantas pessoas poderiam ter sido salvas e estar hoje com suas famílias... (Entrevistada 3 – Sequência Discursiva 3 [SD 3])

No primeiro trecho, observa-se que a entrevistada possui um discurso mais “macabro” em relação às mortes ocorridas da pandemia, percebido principalmente pelo termo “chacina” e na expressão “foram matando um a um”. Na SD 2, identifica-se ainda uma desconfiança em relação às práticas médicas adotadas perante os primeiros casos de internamento por Covid-19 na região. Dentro das ciências, a palavra “cobaia” é definida como o ser vivo ou objeto que se submete a experiências científicas, porém toda pesquisa científica é rigorosamente analisada perante comitês de ética e pesquisa para que a dignidade e integridade dos seres, principalmente, não acarretem grandes consequências ou sequelas, salvo pessoas que assinam termos para estudos, geralmente nas áreas das Ciências da Saúde ou Biológicas, ou estes são assinados por seus responsáveis legais.

Como observado acima, pode-se diferenciar o que ocorreu para tentar salvar as pessoas nos primeiros internamentos com a Covid-19 de uma “pesquisa com cobaias”. Durante os primeiros meses da pandemia, hospitais e clínicas não foram autorizados a realizar práticas de cunho duvidoso ou com cobaias, com exceção dos estudos devidamente cadastrados na Plataforma Brasil, órgão nacional de controle de qualidade, relevância e metodologia da pesquisa com seres humanos no país. O que se observava nesse período eram inúmeros procedimentos médicos, às vezes arriscados, para tentar salvar a vida do paciente infectado com SARS-CoV-2, como a entrevistada 2 relatou, logo em seguida, as medidas tomadas pela equipe hospitalar para tentar salvar a vida de seu familiar.

Enquanto isso, a entrevistada da SD 3 mostra uma percepção maior em relação ao luto coletivo, identificando problemas que afetaram não apenas seu parente, mas também a população como um todo. Há uma preocupação em relação ao seu próprio luto, compreendido

na expressão “eu penso que a dor do luto nunca vai embora, a gente passa a se acostumar com ela”, entendendo que, mesmo já passado um tempo desde o falecimento de seu ente, a superação do luto ainda não está finada. Ao mesmo tempo, ela se esforça reconhecendo um problema em relação ao luto em âmbito nacional, onde parte da população brasileira ainda desconhecia a gravidade da doença, ou simplesmente fazia descaso dela.

A SD 3 também carrega junto a si o discurso de luto em nível nacional, em que busca, igual aos mesmos modos que o responsável pelo perfil no Instagram acima citado, desvencilhar os mortos apenas dos números, como ela expressou “eu sempre penso quantas pessoas poderiam ter sido salvas e estar hoje com as suas famílias”, declarações que trazem sentimentos parecidos com os apresentados na SD 2.

Outro ponto a ser observado é a busca por um culpado: a SD 2 tende a culpar a equipe médica por erros ou por intenção, dado o uso dos termos que usa pela morte de seu familiar. Enquanto isso, a SD 3 possui um entendimento mais macro do que ou de quem é o culpado, observado na expressão “a gente sentiu falta de uma boa gestão pandêmica vinda dos órgãos responsáveis”. Para ela, a culpa em si não é um problema isolado de uma equipe médica que tenha vindo a falhar, mas, sim, do funcionamento do Estado brasileiro como um todo, dos Estados que relaxaram demais nas medidas sanitárias, ou por deixarem desamparadas milhares de pessoas em situação de vulnerabilidade, ou pela espera para a estruturação do SUS para atender às complicações causadas pela pandemia da Covid-19.

Em ambos os relatos, frisa-se a utilização do discurso indireto, que, como Volóchinov (2018) esclarece, é a utilização de um outro discurso para a composição do seu discurso, ou seja, trata-se de um reflexo do discurso de outrem. Em ambos os casos, percebe-se a utilização de preceitos ideológicos para a composição de suas falas.

Isso é percebido na fala das duas, já que ambas utilizam discursos propagados na mídia e/ou redes sociais fazem parte da construção do seu dizer. O termo “cobaia”, utilizado na SD 2, remete a vários dos discursos propagados dentro do movimento antivacina para a imunização das pessoas, enquanto a responsabilização de líderes políticos, mencionado na SD 3, reflete vários discursos, incluindo os propostos pela OMS, sobre a necessidade de os governos garantirem a saúde, o sustento e a segurança das pessoas durante o processo pandêmico.

Como já afirmado anteriormente no texto, para Bayard (*op. cit.*), o processo de um rito precisa de significados para que ele se torne um ritual. O rito pode, simplesmente, ser algo mecânico, mas ao trabalharmos nele com uma simbologia, outras interpretações, novos entendimentos, abre-se caminho para uma ressignificação total do que é um rito, tornando-se um processo ritualístico.

Assim como todo o processo ritualístico mantém um contato direto e indireto com símbolos, imagens, concepções, entre outros, não podemos esquecer de que tudo isso é carregado de signos ideológicos e de ideologias. Bakhtin (2011) trata a ideologia como algo inerente ao ser humano, pois é composta por tudo o que nos ronda e nos forma, como a cultura local, as influências parentais ou sociais, a religião, as leis, a arte, a ciência etc., portanto tudo aquilo que está relacionado à superestrutura ideológica, que irá formar na infraestrutura os conceitos ideológicos da pessoa. Para ele, os signos ideológicos são todos aqueles que se apresentam na infraestrutura ideológica para o ser humano, ou seja, tudo aquilo que se encontra na superestrutura, como a ideologia política, a religião, a moral, entre outros, e que toma forma, tanto material quanto imaterial, no meio social e de convívio do ser humano, podendo ser discursos, símbolos, letras, imagens, até mesmo obras literárias completas.

Essas SDs que agora serão lidas trazem a perspectiva sobre os ritos e rituais fúnebres durante esse período de restrições causadas pela pandemia, e nós as analisaremos partindo dos conceitos de ideologia e signo ideológico trabalhados por Bakhtin, principalmente em relação à religião.

Como foi a cerimônia e a despedida dele: eu quero dizer assim que a despedida do meu marido foi linda, tá? Foi muito bonito. Porque quando ele veio de Criciúma, que ele faleceu em Criciúma e chegou aqui, nós convidamos algumas pessoas próximas né, os amigos próximos né, convidamos algumas pessoas que se sentiriam a vontade de participar da cerimônia e foi muito bonito. Porém o caixão dele estava fechado, mas foi bonito de estar ali os amigos, os melhores amigos dele, os amigos que ele gostava. E quanto aos protocolos, nós pudemos ficar com ele ali em torno de uma hora aqui na funerária e depois ele foi encaminhado para um crematório lá em Capivari de Baixo, aí onde eu falo a vocês que a cremação é o momento mais bonito da nossa vida. Porque eu falo da nossa vida? Porque eu quero ser cremada também, foi uma despedida linda, foi linda a despedida pois a despedida dele foi um momento que ele estava naquela plataforma de vidro cheia de rosas por cima, foi uma despedida muito bonita. Mas claro, foi tomada todas as medidas de protocolo, mascarar, álcool em gel, essas questões aí de protocolo, o caixão lacrado, então essa foi a despedida que nós tivemos. E foi muito bonita a despedida dele lá no crematório, porque no final da cerimônia teve o cerimonialista que falou sobre a vida dele, fizeram um vídeo lá no crematório contando toda a jornada da vida dele, quem era

ele, os filhos, o que ele gostava de fazer. E assim, eu nunca esqueço, tinha um fundo musical que era um louvor que ele gostava de ouvir, que na verdade foi um louvor escolhido pelos filhos e por mim, então assim, foi muito bonito né, a despedida dele. A gente nunca quer deixar né, um nosso familiar, mas sabemos que não é a nossa escolha, é a escolha de Deus. (Entrevistada 1 – Sequência Discursiva 1 [SD 1])

Devido ao fato de que a minha mãe não tinha mais Covid né, 49 dias de internação ela já não estava mais testando positivo para Covid, ela teve velório de 2 horas que a gente conseguiu se despedir de maneira breve, mas foi possível. Era cerca de 15 pessoas que podiam ficar no cômodo ali da funerária, e todo mundo com máscara. Foram duas horas de despedida, tivemos a presença de um padre que fez uma oração, e foi isso. (Entrevistada 3 – Sequência Discursiva 3 [SD 3])

Teve um velório de uma hora, como o protocolo da época permitia, não podia ter muitas pessoas também, mas ainda assim muitas compareceram e o enterro também foi bem rápido. (Entrevistada 4 – Sequência Discursiva 4 [SD 4])

A SD 1 ressignificou totalmente a questão do rito fúnebre. A cultura funerária brasileira é de corpos que podem ser velados por um tempo mais longo, em locais adornados por coroas de flores, com várias pessoas indo se despedir pela última vez de alguém que foi, em vida, muito querido para essas pessoas que comparecem. Para ela, a despedida foi um momento tranquilo. As pessoas que passaram pela questão da cremação, a dimensão religiosa do discurso, como lido em sua última afirmação, o vídeo que tocou no crematório, a música escolhida, tudo isso contribuiu para que a entrevistada ressignificasse seu processo de luto e se recuperasse do processo de luto.

Enquanto isso, na SD 3, pode-se perceber que o rito fúnebre não teve um grande impacto na pessoa ou na superação do seu luto. Como afirmado por ela, eles tiveram um tempo maior para se despedir do corpo por causa do já passado período de incubação e transmissão do vírus. A questão religiosa também está presente em seu discurso, mas de uma maneira totalmente diferente do significado que a religião teve para a entrevistada da SD 1. Enquanto a pessoa da primeira entrevistada reconhece a religião através de pequenos fatores, como o louvor que o familiar ouvia e que foi escolhido para tocar pela família, a justificativa da “vontade de Deus”, a entrevistada da SD 3 apenas relata a presença de um padre, não trazendo à tona sentimentos

religiosos, que geralmente são envolvidos com o luto, como a própria expressão “vontade de Deus” ou o questionamento para o divino acerca do porquê levar essa alma para o céu.

No entanto, para a pessoa da SD 4, a religião não parece ter tido um papel expressivo no ritual fúnebre, visto que não há nenhuma menção de cunho religioso no relato sobre o velório e o enterro do familiar. Para ela, foi mais uma sequência do cotidiano em relação aos acontecimentos de um ritual fúnebre do que uma significação ou ressignificação maior desse momento de despedida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se, no decorrer deste trabalho, que, para as entrevistas, tanto o luto quanto os rituais foram ressignificados durante o período pandêmico. As SDs aqui tratadas mostram uma relação dialógica decorrente da pandemia do novo coronavírus, expondo todas as interações que estão envolvidas dentro desse processo da perda de um familiar, como a situação financeira, a descrença com as equipes de saúde, o descaso do Estado. Um olhar por todas elas dá a entender que elas têm, ao mesmo tempo, a mesma origem e são complementares e antagônicas entre si.

Elas possuem a mesma origem, pois todas tratam a morte como a consequência de um mesmo vírus, são complementares, pois todas ocorreram dentro do mesmo espaço (região sul de Santa Catarina) e de um mesmo tempo (2020, início da pandemia no Brasil, em relação às mortes, e outubro de 2022, momento da coleta das entrevistas). Todavia, são antagônicas, visto que, mesmo encontradas dentro de contextos de espaço-tempo parecidos, possuem suas diferenças em relação aos signos ideológicos que os formam enquanto pessoas e que formam o seu entorno.

Bakhtin (2015) traz que a relação dialógica entre os discursos é reflexo dos sistemas aos quais o autor do discurso está inserido e, também, esses discursos são refratários a outros discursos. Portanto, todo e qualquer discurso é um espelho do autor, ao mesmo tempo em que ele também atravessa o discurso de outros autores.

Entende-se, através das SDs, que a ressignificação dos rituais foi um dos pontos centrais dentro da perspectiva do luto: A SD 1 apresenta um ritual que ela considerou bonito, digno, envolvida pelos signos ideológicos que fazem parte da sua vida (nesse caso, a religião) e por pessoas que amaram e puderam se despedir do seu familiar.

Enquanto isso, a pessoa da SD 2 demonstra revolta, não apenas com a situação do velório, mas também com todas as pessoas que estiveram envolvidas no processo da

doença/infecção que acometeu o familiar. Nela, pode-se perceber que o discurso indireto ideológico está mais presente do que os signos ideológicos materiais que atravessam sua vida. Para ela, os discursos propagados em relação ao descontentamento com a Covid-19, de que a doença era superestimada e que as pessoas eram tratadas como “cobaias”, mostram uma relação com o discurso indireto propagado por partes do movimento negacionista da pandemia.

Já a SD 3 apresenta um descontentamento tanto em relação ao velório quanto em relação às próprias políticas de controle da pandemia do coronavírus. Os signos ideológicos que permeiam o meio social, como a religião, não parecem terem sido externados em seu discurso perante o velório, mas pode-se perceber que estiverem presentes em outras partes das entrevistas aqui expostas, como na responsabilização pela omissão de órgãos responsáveis, agentes e do estado perante a pandemia.

Enquanto isso, a SD 4 é uma pessoa que demonstra uma apresentação mais mecânica em relação aos acontecimentos que levaram à morte do familiar ou de como aconteceu o rito fúnebre. Nesse caso, trata-se de um rito, pois em todo o seu discurso ela não apresenta nenhuma referência simbólica, exotérica ou de qualquer outro meio para ressignificar esse rito e torná-lo um ritual. Ela descreve os acontecimentos e, então, encerra sua entrevista.

Não há como negar que todas as pessoas entrevistadas passaram pelo luto, mas, ao concentrarmos a análise na transcrição das entrevistas, no discurso escrito, deixa-se de lado uma análise que se relaciona a outros fatores, fisiológicos e fonológicos, para uma compreensão mais abrangente sobre a vivência do luto para cada um.

Este trabalho, analisado pela perspectiva Bakhtiniana, através das entrevistas concedidas por essas quatro pessoas, é capaz de nos dar uma dimensão sobre a vivência e a experiência do luto antecipatório, quando as pessoas relatam o agravamento da doença, da morte do familiar, do rito ou ritual fúnebre em homenagem à pessoa e, finalmente, do luto. Entende-se, por fim, que mais pesquisas envolvendo a análise do discurso em uma relação com as teorias do campo da psicologia poderão dar uma contribuição ainda maior sobre a vivência do luto dentro da pandemia.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da Criação Verbal**. 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BRAIT, Beth. Análise e Teoria do Discurso. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: Outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2018.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

CRUBEZY, Eric; TELMON, Norberto. Excesso de mortalidade relacionada com a pandemia (COVID-19), medidas de saúde pública e rituais funerários. **EClinicalMedicine**, v. 22, p. 100358, 2020. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/eclinm/article/PIIS2589-5370\(20\)30102-4/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/eclinm/article/PIIS2589-5370(20)30102-4/fulltext) Acesso em: 29 nov. 2022.

DANTAS, Clarissa de Rosalmeida et al. O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia. **Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental**, v. 23, p. 509-533, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/SgtgR9xSwqBSYjr5Mm3WSwG/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 18 nov. 2022.

DEZAN, Darlon. Professores em luta: o Sindicalismo Docente sob a ótica da Imprensa Paranaense (1947-1964). 2020. 183 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel - PR.

DE OLIVEIRA MOTA, Ilka; GINACH, Erich Lie. Os sentidos do luto na pandemia de Covid-19 no Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 63, p. e021031-e021031, 2021.

GIAMATTEY, Maria Eduarda Padilha et al. Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto: possíveis reverberações. **Escola Anna Nery**, v. 26, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/zGDv9BZ6Lc44fxJFBBz8ktC> Acesso em: 18 nov. 2022

LOPES, Wescley Batista; MORAES, Rozânia Maria Alves de; GONÇALVES, João Batista Costa. O conceito bakhtiniano de cronotopo nas análises de discursos em situação de autoconfrontação. 2018.

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. Testemunho: um acontecimento na estrutura. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, v.12, n.1, 2016. Disponível em: seer.upf.br/index.php/rd/article/view/5890 Acesso em: 21 nov. 2022.

MERGULHÃO, Bruna Rafaela de Vasconcelos. **O silêncio que fala**: os ritos fúnebres como performance e o cemitério como lugar de memória. 2020. 101 f. Tese (Doutorado) - Curso de Mestrado em Antropologia, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2020. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/21719/1/Master_Bruna_Vasconcelos_Mergulhao.pdf Acesso em: 27 nov. 2022.

MOORE, K.; TULLOCH, O.; RIPOLL, S. Dying, Bereavement and Mortuary and Funerary Practices in the Context of COVID-19 (April 2020). SSHAP, 2020. Disponível em: <https://www.socialscienceinaction.org/resources/key-considerations-dying-bereavement-mortuary-funerary-practices-context-covid-19/> Acesso em: 18 nov. 2022.

OLIVEIRA, D. S. A.; BISCONCINI, K. P.,; GUTIERREZ, B. A. O. Processo de luto diante da pandemia: repercussões frente à Covid-19 no Brasil. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 23, (Número Temático Especial 28, “COVID-19 e Envelhecimento”), 499-516, 2020. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwi65fi2kLj7AhUTppUCHRhFCB8QFnoECCAQAQ&url=https%3A%2F%2Frevistas.pucsp.br%2Findex.php%2Fkairós%2Farticle%2Fdownload%2F51591%2F33677%2F152600&usg=AOvVaw1P8vvCGUHgSAvtnNnX1N3C> Acesso em: 18 nov. 2022.

REALE, Maria Júlia de O. Uchoa. Perdas, luto e transformações em tempos de covid-19. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 35, 2021.

ROBIN, Régine. A memória Saturada. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

SOBRAL, A. Filosofias (e filosofia) em Bakhtin. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: conceitos-chaves. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2018.

SOUZA, Christiane Pantoja de; SOUZA, Airle Miranda de. Funeral rituals in the process of mourning: meaning and functions. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, 2019.

VASCONCELOS, Mariane Rocha Camargo. ORLANDI, EP Análise de Discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2001. **Web Revista SOCIODIALETO**, v. 9, n. 25, p. 543-546, 2018.